

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

EUCARISTIA: IMPORTÂNCIA RETÓRICA?

O semanário católico dos Estados Unidos — *National Catholic Reporter* — em seu número de 25.11.1988, publica estatística que vale também para o Brasil. Mais de 65% da Igreja Católica, no Terceiro Mundo, não possuem padres ordenados para celebrar regularmente a eucaristia. O articulista conclui: "É evidente que nossos líderes, nas mais altas esferas, perderam a visão do que é fundamental". Em seguida, se indigna: "Precisamos de bispos e conferências episcopais que não permitam a institucionalização de tais distorções. Precisamos das massas de fiéis que escrevam às autoridades eclesásticas dizendo que eles apóiam as lideranças da Igreja, quando estas pararem de dificultar o Espírito no corpo de Cristo".

No Brasil e aqui na Baixada Fluminense, a situação é ainda mais grave. Por falta dos serviços sacramentais, por falta sobretudo da alimentação eucarística, nosso povo religioso e oprimido passa a ser entregue a toda espécie de aventureirismos e divisões religiosas. Ótimo assim, não é mesmo? Povo dividido é povo enfraquecido! E povo enfraquecido nunca vai ter força e união para proclamar sua independência e construir a justiça.

Continua a reportagem do *National Catholic Reporter*: "Não se trata mais de saber se Você gosta ou não da idéia de padres casados e da ordenação sacerdotal de mulheres. Todas as pesquisas, pelo menos nos Estados Unidos, demonstram que a maioria das pessoas está aberta para as duas possibilidades. Como se pode privar 65% da Igreja da oportunidade de celebrar regularmente o que estes mesmos líderes, guiados pelo Espírito, declararam, em Documento do Concílio Vaticano II, ser o cume para o qual toda a atividade da Igreja está direcionada e a fonte de onde promana todo o seu poder? É possível afirmar que a vontade do Senhor

é mais para manter o celibato e o sacerdócio masculino do que para que tenhamos a renovação de seu sacrifício eucarístico? Dos dois primeiros ele não fez exigência, mas ordenou que celebrássemos sua memória, na refeição eucarística".

Para o articulista, que já celebrou bodas de prata sacerdotais, "a eucaristia não nos foi dada para adoração, nem para distribuição de hóstias consagradas. Ela nos foi dada como refeição sacrificial. O aspecto da refeição da para ser mantido, na distribuição da hóstia... Agora, quando estamos ficando mais conscientes da fome, miséria e injustiça no mundo, e mais conscientes do chamado para vivermos a eucaristia, "sacrificando" a nós mesmos para enfrentar aqueles males, estamos sendo privados do sacrifício do Senhor, para preservarmos certas normas que são criações históricas de nós mesmos".

"O Senhor ensinou que as necessidades básicas de um povo estão acima da lei e foi duro com os líderes religiosos que não reconheceriam isso e colocavam fardos desnecessários sobre aqueles que eles conduziam. Que peso maior um fiel católico é convocado a carregar do que ser privado da celebração eucarística, penalidade que, pela lei, só tem sido imposta aos maiores pecadores? Jesus lembra que até os soldados de Davi foram justificados, quando apanharam o pão sagrado no templo, para matar a fome deles" "Receber a comunhão fora da missa, exceto no caso do doente que não pode estar presente na celebração da comunidade, perpetua a visão distorcida e parcial da eucaristia como um encontro privado e pessoal com Jesus. Remove a dimensão essencial do "fazer isso em memória dele" — a dimensão de nos reunir para o sacrifício que nos foi dado para a salvação de nossas irmãs e irmãos". (F.L.T.)

IMAGEM DE SANTO ANTÔNIO NO SEU DIA

1. Não, senhor, não tou pedindo casamento, não. Eu já pedi. Antigamente o meu sonho era casar. Sabe o que é hoje? Apenas sobreviver. É o que estou pedindo a meu Santo Antônio: que me arranje um emprego, qualquer emprego, para eu poder sobreviver. Pra mim, pedir casamento perdeu o sentido. Antigamente, faz uns cinco anos, o meu sonho era casar, encontrar um marido bom, ter filhos, ser feliz. Era o meu sonho de menina e moça. Hoje acabou. A vida me ensinou a não sonhar, a viver com os pés no chão.

2. Hoje, aos vinte e cinco anos, sim, senhor, só vinte e cinco, superei o sonho de casamento. Tenho um Pai doente, minha Mãe vive doente, tenho ainda três irmãozinhos que dependem de mim. Como pensar ainda em casamento? O que meu Pai ganha como aposentado é uma vergonha. Minha Mãe não ganha nada. Matou-se, trabalhando, sofrendo, hoje paralítica numa cama. Sou eu que tenho de tomar conta da casa. Ando fazendo biscoitos aqui e acolá, nas casas ricas. Mas não dá. Sabe que os ricos pagam mal? O que me dão não dá para o pão.

3. O jeito é recorrer a Santo Antônio, minha última esperança. Olha-me com olhos de quase desespero, um olhar de sofrimento e decisão. Despede-se rapidamente e volta a Santo Antônio, para pedir a graça de um emprego... Alcançará? Dias depois vem dizer que sim, que arranhou um emprego de babá numa casa de família rica, tomar conta de três crianças levadas. Salário? Mínimo, só mínimo. Dá? Dar não dá, mas é melhor do que nada. Foi graça de Santo Antônio. E sorri o doce sorriso de quem foi agraciada. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

JESUS REZA

• Para toda a Igreja, para as CEBs, Jesus Cristo é o modelo supremo, a pessoa de referência. Não existe Pastoral — ação da Igreja para anunciar Jesus Cristo, como salvador e salvação da humanidade — sem referência constante, ininterrupta a Jesus Cristo.

• Jesus é a pessoa de referência absoluta para a Igreja, para todos os cristãos sem exceção, para todas as comunidades eclesiais de base. É em Jesus, somente em Jesus, que a Igreja vai encontrar a Palavra encarnada, que ensina, que orienta, que manda com autoridade, que proíbe, que faz sinais e milagres, que é em resumo, por sua paixão, morte e ressurreição, o Grande Sinal, a grande Esperança da salvação para todos nós e para todos os Povos.

• Sendo assim, é para Jesus que olhamos quando procuramos refletir sobre a oração da Igreja, da CEB, de cada membro da comunidade eclesial de todos os tempos.

• Do pouco que os evangelistas nos comunicam, sabemos com certeza que Jesus Cristo rezava. Como Deus Jesus não precisava rezar.

Embora proceda do Pai, Jesus não é criatura do Pai, mas um com o Pai e com o Espírito Santo, Deus uno e Trino que não pode nem precisa rezar, porque é tudo em si mesmo.

• Mas como homem que é, ao mesmo tempo que é Deus, Jesus precisava rezar e rezou de fato, para nosso exemplo.

• No Sermão da Montanha — a síntese admirável que o Evangelista Mateus compôs à maneira de "programa básico da mensagem de Jesus" — o Mestre parte da oração adulterada pelos fariseus, para corrigi-la e reconduzi-la à essência: intimidade com o Pai, confiança crescente, sublimação da condição humana e alargamento do Amor a todas as criaturas.

• Em todos os momentos importantes Jesus reza. Reza, depois de batizado por João, preparando-se para o testemunho do Espírito Santo: "Quando todo o Povo fora batizado e no momento em que Jesus, já batizado, estava rezando, abriu-se o céu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, qual uma pomba. E veio do céu uma voz:

Tu és meu Filho bem-amado, em ti ponho o meu bem-querer" (Lc 3,21-22).

• Diante do sofrimento do Povo, que procurava ajudar com muitas curas milagrosas, Jesus retira-se "de madrugada, muito antes do raiar do dia". Jesus retira-se para um lugar solitário, para rezar (cf. Mc 1,32-39). Na oração de intimidade profunda com o Pai Jesus se fortalece para o exercício de sua missão salvífica.

• Jesus recorre à oração antes da escolha dos Doze (Lc 6,12-14), antes de provocar a confissão de Pedro de que Jesus era o Messias (Lc 9,18-21), antes da transfiguração (Lc 9,28-29). Reza de modo muito particular no momento doloroso do horto das oliveiras, quando se vê colocado concretamente diante do mistério da Cruz (Mt 26,36-46; Mc 14,32-42; Lc 22,39-46).

• Em momentos de decisões importantes Jesus reza, une-se ao Pai, que é sempre "abba" — Pai querido no qual põe toda confiança, ao qual se abandona inteiramente. A oração de Jesus é exemplo e modelo para a Igreja, para cada um de nós. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa CRISTO LAVRADOR, Gildes Bezerra-Amaury Vieira; Ed. Paulinas.

rito inicial

1 CANTO DE ENTRADA



(O refrão pode ser cantado por dois grupos: um que propõe, outro que responde).

De onde vens, ó caminheiro? —
Vim dos campos, do sertão. Pra onde vais,
ó companheiro? — Vou querer ganhar meu
pão!

1. Este chão é teu lugar, não precisas mais
seguir. Temos paz para te dar, temos chão
pra repartir.

2. Sou bem pobre e nada tenho que não
caiba no olhar. Amor trago de onde venho,
nessas mãos pra trabalhar.

3. Caminheiro sem fadiga, somos pau da
mesma cruz. Somos grãos da mesma espiga,
peregrinos de Jesus.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito
Santo.

P. Amém! Assim seja!

S. A Graça e a Paz do Cristo Ressuscitado;
o Amor do Pai e a força do Espírito Santo
estejam com todos vocês.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no
amor de Cristo / e no amor dos irmãos!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Mais uma vez, estamos reunidos para ce-
lebrar nossa fé, a esperança e a certeza de
que em Cristo, com Cristo e por Cristo, ven-
ceremos a morte. Em Jesus, encontraremos a
Vida Plena.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, peçamos perdão a Deus, por
todas as vezes que nos acomodamos ou nos
omitimos em viver a Fé, a Esperança e a
Caridade, como serviço ao irmão (Pausa para
revisão de vida). Reconheçamos nossa culpa,
para celebrarmos dignamente. Confessemos os
nossos pecados:

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós,
irmãos, / que pequei muitas vezes / por
pensamentos e palavras / atos e omissões /
por minha culpa, minha tão grande culpa /
e peço à Virgem Maria / aos anjos e santos
/ e a vós, irmãos, / que rogueis por mim
a Deus nosso Senhor!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de
nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza
à vida eterna.

P. Amém!

S. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

Glória a Deus no céu e na terra paz aos
homens. Glória, aleluia!

1. Glória ao Pai, o Criador, seu poder nos
chamou à vida!

2. Glória ao Filho, o Redentor, sua Cruz
reconciliou-nos!

3. Glória ao Espírito de Amor, sua Graça é
que nos renova!

6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, fonte de todo bem,
atendei ao nosso apelo. Fazei-nos, por vossa
inspiração, pensar o que é certo e realizá-lo,
com a vossa ajuda, em favor do irmão. Por
nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na
unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

(A primeira leitura e o Evangelho podem
ser dramatizados).



C. A confiança que a viúva colo-
cou no poder de Deus e a fé de
Elias fizeram que eles testemunhas-
sem a vitória da vida sobre a morte.

Leitura do 1º Livro dos Reis
(17,17-24): "Naqueles dias, o filho da
viúva de Sarepta ficou doente e a doen-
ça dele foi tão grave que veio a fale-
cer. Então, a mulher disse a Elias: "O
que foi que eu te fiz, ó homem de
Deus? Vieste à minha casa para me
lembrar, diante de Deus, que sou peca-
dora e tirar a vida de meu filho?" Elias
respondeu: "Dá-me teu filho!" Toman-
do o menino dos braços dela, subiu ao
quarto de cima, onde se hospedava, e
deitou o menino na cama. Depois, in-
vocou o Senhor, dizendo: "Senhor, meu
Deus, queres fazer sofrer até mesmo a
viúva que me hospeda, tirando a vida
do filho dela?" Por três vezes, Elias
se estendeu sobre o menino, suplican-
do ao Senhor: "Senhor, meu Deus, eu
te peço, por favor: faze que a vida
deste menino volte a ele". O Senhor
ouviu a oração de Elias: a vida voltou
ao menino e ele tornou a viver. Elias
pegou então o menino, desceu com ele
do quarto de cima para dentro da
casa, entregou-o à mãe dele e disse:
"Olha, o teu filho está vivo!" A mu-
lher disse a Elias: "Agora tenho certe-
za de que és um homem de Deus e que
sua palavra é verdadeira em tua boca".
— Palavra do Senhor. — P. Graças a
Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 30)

C. O Senhor manifestou o seu poder. Que
a nossa resposta seja exaltação e festa, pois
Ele realiza maravilhas!

Quero cantar ao Senhor, sempre enquanto
eu viver. Hei de provar seu amor, seu valor
e seu poder!

Sl. 1. Eu vos exalto, ó Senhor, pois me
livrastes / e não deixastes rir de mim meus
inimigos! / Vós tirastes minha alma do
abismo / e me salvastes, quando estava
morrendo!

2. Cantai salmos ao Senhor, povo fiel,
dai-lhe graças e invocai seu santo nome! /
Pois sua ira dura apenas um momento,
mas sua bondade permanece a vida inteira.

3. Escutai-me, Senhor Deus, tende piedade!
/ Sede, Senhor, o meu abrigo protetor! /
Transformastes o meu pranto em uma festa:
/ Senhor, meu Deus, eternamente, hei de
louvar-vos!

9 SEGUNDA LEITURA

C. "De onde não se espera é que vem!"
diz o ditado popular. Assim, pelo poder de
Deus, alguém que perseguiu Cristo e os dis-
cípulos se transforma em Apóstolo de Cristo
e divulgador de sua Palavra.

Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo
aos Gálatas (1,11-19): "Irmãos, eu
os faço saber: o Evangelho que eu
anunciei não é segundo o capricho dos
homens, pois eu o recebi e aprendi, não
de algum homem, mas por revelação
de Jesus Cristo. Certamente vocês já
ouviram falar da minha antiga conduta
no judaísmo: eu perseguia e fazia tudo,
para destruir a Igreja de Deus. No ju-
daísmo, eu progredia mais do que mu-
ltos de minha idade e da minha raça, e
me distinguia no zelo pelas tradições
dos meus pais. Quando, porém, aquele
que me separou desde o seio materno
me chamou por sua graça, Ele se
dignou revelar em mim o seu Filho,
para que eu o proclamasse entre os pa-
gãos. Então não consultei nenhum ser
humano, nem subi a Jerusalém, para ver
os que eram apóstolos antes de mim,
mas fui imediatamente para a Arábia, e
voltei de novo a Damasco. Em seguida,
após três anos, subi a Jerusalém para
conhecer Cefas e fiquei com ele quinze
dias. Não vi nenhum outro apóstolo,
mas somente Tiago, o irmão do Se-
nhor". — Palavra do Senhor. —
P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



1. Vamos todos bendizer: ALE-
ALE! Jesus Cristo vai falar: LUIA!
LUIA!

A Palavra de viver: ALE! ALE!
E que vai nos transformar: LUIA! LUIA!

2. Cristo quer um coração: **AÇÃO! AÇÃO!**
Onde o amor possa morar: **ORAR! ORAR!**
E que saiba perdoar: **DOAR! DOAR!**
Sem fingir ou reclamar: **AMAR! AMAR!**
3. Aleluia! Aleluia! **LUIÁ! LUIÁ!**

11 EVANGELHO

C. "Jovem, eu te ordeno, levanta-te!" Com estas palavras, Jesus demonstra seu poder. Mostra também sua opção pelos mais pobres e sofredos.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (7,11-17).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, Jesus se dirigiu a uma cidade chamada Naim. Com ele iam os discípulos e uma grande multidão. Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto para enterrar; era filho único, e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade a acompanhava. Ao vê-la, o Senhor teve compaixão para com ela e lhe disse: "Não chore!" Depois aproximou-se, tocou o caixão, e os que o carregavam pararam. Então Jesus disse: "Jovem, eu lhe ordeno, levante-se!" O que estava morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram com muito medo e glorificavam a Deus, dizendo: "Um grande profeta apareceu entre nós e Deus veio salvar o seu povo". E a notícia do fato se espalhou pela Judéia inteira e por toda a redondeza". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

(Espontâneas. Após cada profissão de fé, canta-se):
P. (canta): Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Elevemos nossas preces a Deus que, em Cristo, nos revelou sua sensibilidade à nossa dor:

L1. Pelo Papa, bispos e padres: que em sua missão de Pastores consigam distribuir, por toda parte e sem cessar, a fé na vida nova do Espírito, rezemos ao Senhor:

P. (canta): Ó Senhor, escuta a nossa prece!

L2. Pelos cientistas, médicos, enfermeiros e todos os que entregam sua vida no combate às doenças que assolam o mundo e que levam à morte a humanidade: que sua luta seja abençoada pelo Deus da Vida, rezemos ao Senhor:

L3. Pela vitória do perdão sobre o pecado, da Vida sobre a Morte, a fim de que nossa conversão seja a prova concreta de que passamos da morte para a vida, através da força e do poder de Cristo, rezemos ao Senhor: (Outras intenções da comunidade...)

S. Concedei-nos, ó Deus, que, pelo amor, sejamos uns para os outros irmãos e fontes de Vida e não de morte, a exemplo de Cristo Jesus, nosso Senhor.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS



Esse pão já foi semente que a gente lá na roça semeou para que possa ter comida quem semeia. Pra que Deus agora faça desta massa o pão da ceia!

1. Nossas mãos cheias de calos da enxada que puxamos representam o trabalho que agora ofertamos.

2. Ofertamos nossos frutos e também o coração, para o Cristo, que alimenta, fazer deles outro Pão.

3. Ofertamos nosso amor e a dor que faz chorar. Pois o pranto é a melhor chuva pro amor frutificar.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Oremos: Senhor nosso Deus, vede nossa disposição em vos servir. Acolhei nossas ofertas com vosso amor paterno, para que nosso sacrifício vos seja agradável e nos ajude a crescer na caridade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio. No fim):

P. (canta): Santo, Santo, Santo é o Senhor! Todos nós sabemos e queremos proclamar!

1. Santo é o Senhor em toda parte: o Senhor é Santo!

2. Viva o Senhor nas alturas: o Senhor é Santo!

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. No fim):

S. Eis o Mistério da Fé:

P. Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa Ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

18 CANTO DA COMUNHÃO



1. Somos todos roceiros da roça do Pai. E posseiros das terras deixadas por nós. Vamos todos fazer a partilha, irmão. Entre todas famílias sem terra e sem pão.

Vamos plantar mais um pouco de amor de caboclo e fazer mutirão. Pra começar nós já temos semente que é Cristo, é Jesus comunhão.

2. Se um dia a tarefa pesar como a cruz, ou nos ombros da gente ou nos ombros do irmão, vamos todos pedir reforço a Jesus, que ele vem ajudar, se houver união.

3. Mas se grande alegria igual brilho reluz, ou no peito da gente ou no peito do irmão, vamos todos mostrar gratidão a Jesus, que ele vai se alegrar, ele vê o coração.

4. Mas chegando a tristeza que ofusca a luz, ou nos olhos da gente ou nos olhos do irmão, vamos todos mostrar nosso pranto a Jesus, que ele vem consolar quem tiver aflição.

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, vós curais em nós todos os males. Que esta Eucaristia possa agir em nossos corações, libertando-nos de todas as maldades e orientando-nos sempre no caminho do bem. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade. O compromisso concreto que a Comunidade vai assumir para viver o que celebrou).

C. Eis que o Senhor nos vem trazendo vida plena. Após vencermos a morte, Ele nos conduzirá pelos caminhos da Salvação. Mas a morte só será vencida, se vivermos como irmãos. A vida será plena, se confiarmos no Senhor e Pai.

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. O Senhor de toda consolação disponha na sua paz os vossos dias e vos conceda suas bênçãos.

P. Amém! Assim seja!

S. Sempre vos liberte de todos os perigos e confirme os vossos corações em seu amor.

P. Amém! Assim seja!

S. E assim, ricos em esperança, fé e caridade, possais viver praticando o bem e chegar felizes à vida eterna.

P. Amém! Assim seja!

S. A bênção de Deus Pai todo-poderoso: Pai, Filho e Espírito Santo desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém!

22 CANTO DE SÁFIDA

1. Caminheiro, companheiro / este caminho é mesmo estreito / ele foi feito bem agreste / e nele o Mestre caminhou / entre pó, poeira e espinho / entre pedras do caminho. / E de todos caminheiros, foi o primeiro que chegou.

Caminheiro, companheiro, ponha o pé nesta estrada. / Se ficar na encruzilhada nunca vai poder chegar (caminhar).

2. Caminheiro, companheiro, / leve a luz que alumia. / Mais que o sol do meio dia, / pra você não tropeçar. / Leve junto a família, / companheiros e amigos, / pois em caso de perigo, / todos podem se ajudar.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: 2Cor 1,1-7; Sl 34; Mt 5,1-12. / 3ª-feira: 2Cor 1,18-24; Sl 119; Mt 5,13-16. / 4ª-feira: 2Cor 3,4-11; Sl 99; Mt 5,17-19. / 5ª-feira: 2Cor 3,15; 4,6; Sl 85; Mt 5,20-26. / 6ª-feira: 2Cor 4,7-15; Sl 116; Mt 5,27-32. / Sábado: 2Cor 5,14-21; Sl 102; Mt 5,33-37. / Domingo: 2Sm 12,7-10.13; Sl 32; Gl 2,16.19-21; Lc 7,36-8,3.

ACEITAR A ESCRAVIDÃO, ACEITAR A TRAIÇÃO DO EVANGELHO

Valéria Rezende

Além da mentalidade que carregavam dentro de si, os missionários encontravam outras dificuldades, como o poder do rei e dos funcionários do governo sobre a Igreja. Lembremos que, na colônia, tudo dependia das ordens da coroa portuguesa. Para cá só vinham e só podiam ficar os padres que eram aprovados pelo Rei e estavam prontos a fazer a vontade dos poderosos. Muitos aceitavam esse compromisso, porque era a única maneira de poder vir trazer o Evangelho para a nova terra.

Como já sabemos, a escravidão era indispensável para os portugueses manterem sua colônia e seu poder no Brasil. Mesmo que quisessem, os padres não teriam força para impedir a escravidão. Os que tentaram acabar com a escravidão dos índios fracassaram. Dependiam em tudo, até para ter o que comer, do dinheiro pago pelo Rei. Para ficar aqui, aceitavam e até colaboravam com a escravidão.

Nessa situação de escravidão, onde é impossível os homens serem todos irmãos, como

é que se podia viver inteiramente o Evangelho? Como poderia o escravo viver a fraternidade com o outro cristão que o explorava e castigava? O modo como estava organizada, a sociedade brasileira da colônia era, desde a sua raiz, contra a fraternidade. E, por isso, a semente do Evangelho não encontrava força bastante para crescer. Sobrevivia à custa, escondida e abafada pelo espinheiro da escravidão. A situação da colônia não trazia só dificuldades para o Evangelho, mas também numerosas tentações para seus missionários.

Uma grande parte dos padres que para aqui vinham, na realidade, não eram missionários sinceros. Era costume daquele tempo os pais mandarem os filhos para o sacerdócio, apenas para garantir para eles um lugar de conforto e prestígio na sociedade. Buscava-se o sacerdócio, não por amor ao Evangelho e ardor missionário, mas para ter garantias e vantagens na vida, como se procura uma profissão vantajosa. Esses padres, que só queriam enriquecer e viver bem, compunham uma

grande parte do clero da colônia. Aqui era lugar bom para quem queria enriquecer, se não se importasse de explorar o trabalho dos escravos. Esses padres se tornavam muitas vezes senhores de engenhos e de fazendas, viviam unidos com os outros poderosos, faziam parte deles, e nada queriam saber dos sofrimentos dos pobres.

Essa situação era uma tentação, mesmo para os padres que tinham vindo como missionários sinceros. Muitos deles, depois das primeiras dificuldades e fracassos na missão, acabavam cedendo à tentação e se acomodavam, bajulando os poderosos e buscando também o conforto e a riqueza fácil. Desse modo, as cidades ricas, os portos, estavam cheios de padres, principalmente padres seculares, que não pertencem a nenhuma ordem religiosa, mas que dependem diretamente do bispo. Enquanto isso, as populações do interior, dos engenhos, fazendas e aldeamentos, sofriam a falta de missionários e de assistência religiosa.

VIVER EM CRISTO

A VIDA DOS DESAMPARADOS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Quem mais carente e desamparado neste mundo do que uma mulher viúva que perde seu filho único? A vida se esvai. A desolação é total. Por isso mesmo a Bíblia apresenta os órfãos e as viúvas como protótipos dos marginalizados. E o amparo a eles como expressão da verdadeira religião.

Neste Domingo temos o Evangelho do jovem de Naim (Lc 7,11-17). Na 1ª leitura temos a ressurreição do filho da viúva de Sarepta realizada pelo profeta Elias (1Rs 17,17-24). Jesus chega com seus discípulos à cidade de Naim e encontra-se com uma viúva, cujo filho era levado para o cemitério fora da cidade. "O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: Não chores". Mas não ficou nas palavras. "Aproximando-se, tocou no esquife e disse: 'Jovem, eu te ordeno, levanta-te!' E o morto sentou-se e começou a falar.

E Jesus o entregou à sua mãe". E todos reconheceram que Deus visitou o seu povo. Como é que estas leituras poderão caracterizar a experiência pascal da Comunidade eclesial? A cena de Sarepta e de Naim repetem-se numa frequência impressionante através da história. Não precisamos ir longe. Ela está presente em cada Comunidade. Ainda hoje, a toda hora, levam-se jovens, filhos únicos de mães viúvas, aos cemitérios. Isto acontece quando a vida gerada é tirada. Dá-se no abandono das pessoas, nas injustiças, na marginalização das massas sofridas. A nossa sociedade está cheia de mães viúvas, que levam seus filhos únicos para o cemitério. A última esperança de vida é tragada pela morte.

Então é hora de a Comunidade eclesial reagir. Importante que ela esteja a caminho

como Jesus, como Elias. Mas não pode passar ao largo. Precisa parar, precisa entrar em casa, na cidade, para visitar as viúvas. Deverá como Jesus: compadecer-se, consolar, agir, ressuscitando o jovem para que o povo glorifique a Deus.

Para que isso aconteça, temos que ser, como Paulo, ministros convictos e zelosos do Evangelho (cf. Gl 1,11-19). Deixar de devastar a Igreja, e deixar revelar-se em nós o Filho de Deus. Percebendo renascer a vida nos desamparados, também a Assembléia eucarística poderá glorificar a Deus porque mais uma vez Ele visitou o seu povo. Ela renderá graças neste domingo sobretudo por aqueles e aquelas que na sociedade injusta se comprometem em defender e alimentar a vida dos irmãos necessitados.

O PERÍODO EM QUE DESAPARECEU A PROFECIA

Carlos Mesters

Vamos olhar, de perto, o período da história em que se deu o desaparecimento da profecia. Ele vai do ano 587, início do cativeiro, até o ano 1, fim do Antigo Testamento. São quase 600 anos! É o período mais longo e menos conhecido da história do povo de Israel. É também o período que mais influenciou o modo de pensar do povo no tempo de Jesus. Para obtermos uma visão global mais clara, vamos subdividi-lo em períodos menores, apontando as características de cada um.

Período do exílio:

587-538 — Cativeiro, sofrimento, opressão

Uma parte do povo foi levada para o cativeiro na Babilônia (2Rs 24,14-16; 25,11). Outra parte ficou na Palestina (2Rs 25,12-21), mas era cativa do mesmo jeito. Nesse período, apareceram os profetas Ezequiel, Jeremias e Isaías Júnior; aparece o Servo de Javé, que recebe sua missão diretamente de Deus (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12); começa a mudança em relação à profecia. O cativeiro termina em 538 com o decreto de Ciro, rei dos persas. Ciro seguia uma política diferente dos reis da Babilônia e permitiu a volta dos exilados (Esd 1,1-4; 6,3-5).

Período da volta:

538-445 — Retorno, abertura, esperança

É o período do novo começo. Os últimos profetas Ageu e Zacarias convidam o povo a iniciar a reconstrução do templo (Ag 1,1-14; Esd 6,14). É um período de grande abertura e esperança. O povo tenta realizar sua missão de "Luz das Nações", de que falava Isaías (Is 42,6; 49,6; 51,4; 60,3). Mas, no fim, o projeto fracassou. Em vez da Luz para as Nações, apareceram as trevas da divisão interna, da exploração mútua e do empobrecimento de uma grande parte do povo pelos próprios irmãos (Ne 5,1-5). O fracasso levou a uma condenação da abertura e provocou maior rigidez na disciplina.

Período da reorganização:

445-332 — Obediência, disciplina, separação

A partir de 445, Neemias começa a reorganizar a vida do povo em torno da lei, do templo e de Jerusalém (Ne 8,1-9; 11,1-3). A partir de 398, Esdras completa a obra de Neemias (Esd 7,11-26). A comunidade aprofunda a mística da vivência da Lei de Deus, tão bem expressa nos salmos 19 e 119. Mas o medo de um novo fracasso levou a um fechamento. "A linhagem de Israel separou-se de todas as pessoas de origem estrangeira" (Ne 9,2). Por ordem de Esdras e Neemias,

as mulheres estrangeiras foram expulsas, como se fossem a causa do fracasso (Esd 9,1-10,44; Ne 13,23-27). Mas nem todos estavam de acordo com este novo rumo. Surgiram vários escritos (Rute, Jó, Jonas, Isaías 56 a 66), em que a oposição manifestava sua crítica e desaprovação. É o fim do período persa.

Período do domínio egípcio:

332-198 — Silêncio, rotina, tentação

A Bíblia não traz nenhuma informação direta sobre este período. É o começo da época helenística, da invasão cultural. Os valores do helenismo começam a entrar na comunidade, questionam seu fechamento e provocam tensões internas. O progresso econômico, porém, promovido pela política agrícola de Ptolomeu, rei-faraó do Egito, traz riqueza para a classe alta e impede, por ora, que essas tensões se manifestem abertamente. É um período de relativa paz e estabilidade. A comunidade continua na sua vida isolada, alheia ao rumo da história do mundo. Vive fechada sobre si mesma e em torno da observância da Lei de Deus. Ela corre o sério perigo de criar, para si, uma falsa segurança, como se esta vida observante e tranqüila já fosse uma amostra do futuro de Deus. O livro do Eclesiastes critica essa mentalidade.